**(2)**

**VISITA A ANGOLA DE SUA EMINÊNCIA CARDEAL FERNANDO FILONI**

*Prefeito da Congregação para a Evangelização dos Povos*

*(De 11 a 20 de novembro de 2018)*

**Encontro com Bispos da Província Eclesiástica de Saurimo**

**(Saurimo, Segunda-feira dia 12 de novembro 2018, às 11 horas)**

Excelência Senhor Arcebispo,

Excelentíssimo Reverendíssimo Núncio Apostólico,

Excelências Senhores Bispos,

Sinto-me honrado e muito feliz por estar aqui convosco por ocasião da Celebração do Quinquagésimo Aniversário da Criação da Conferência Episcopal de Angola e São Tomé. Esta visita à Angola como Prefeito da Congregação para a Evangelização dos Povos, tem como objetivo encorajar-vos: bispos, sacerdotes, religiosos, seminaristas e fiéis leigos.

Convosco, queridos irmãos no episcopado, gostaria de compartilhar os sentimentos que animam vossos corações como Pastores das Igrejas locais confiadas à vossa solicitude pastoral: vossas aspirações e vossas necessidades, vossos medos e preocupações, mas também vossas alegrias e esperanças, vossas certezas e vossas convicções.

Nas Igrejas "*Famílias de Deus*" em Angola e São Tomé, desejo exprimir a proximidade e a solicitude da Congregação para a Evangelização dos Povos, no seu ímpeto de crescimento e maturação.

A minha mensagem principal é um apelo à consciência da nossa fundamental vocação cristã de santidade, como o Papa Francisco recordou recentemente na sua Exortação “*Gaudete et exultate*” (*Alegrai-vos e Exultai* ). Para um cristão, diz ele, não é possível pensar na própria missão na terra sem concebê-la como um caminho de santidade, porque a vontade de Deus é nossa santificação (ver GE n. 19).

**Para uma Igreja comunhão**

Caros irmãos no Episcopado,

Neste momento de encontro eclesial, nesta Província Eclesiástica, como não posso não reconhecer os sinais de fecundidade e crescimento das vossas Igrejas particulares? A Igreja em Angola está a tornar-se cada vez mais vibrante, dinâmica, comprometida e em contínuo crescimento, como evidencia o crescente número de sacerdotes e religiosos e religiosas nativas, filhas desta terra, o avanço do processo de enraizamento. Nota-se também uma criação de estruturas pastorais e da organização das vossas dioceses, o empenho de muitos leigos, especialmente catequistas, no campo da evangelização, o afluxo dominical dos fiéis às suas igrejas, as suas presenças nos sacramentos, a solidariedade que eles se mostram, especialmente em momentos de dificuldades.

E este movimento deveria ser o de todas as vossas Províncias Eclesiásticas, sem exclusão de nenhuma diocese. Portanto, não uma Igreja com dois passos diferentes, duas velocidades diferentes, duas séries diferentes: primeiro e segundo para emprestar uma linguagem de futebol. Daí a necessidade de ter “*o carisma* *do conjunto*”. “*O carisma* do c*onjunto”* são palavras-chaves, que o Papa Francisco usou quando se dirigiu aos novos Bispos dos Territórios da Missão em Setembro passado, na conclusão do Seminário organizado pela Congregação para a Evangelização dos Povos. Juntos para dizer comunhão. De fato, o Papa se perguntou: "*Quem é o bispo? E ele respondeu, entre outros: "ele é um homem de comunhão*". Ele comentou então: “*Homem de comunhão: O bispo não pode ter todos os dons, todos os carismas ... mas é chamado a ter o* ‘*carisma do conjunto’*, isto é, manter unido, cimentar a comunhão. ‘*A*[*Igreja*](https://www.acidigital.com/igreja/index.html)*precisa de união, não de solistas fora do coro ou de condutores de batalhas pessoais. O Pastor reúne: bispo para seus fiéis, é cristão com seus fiéis. Não faz notícia nos jornais, não busca o consenso do mundo, não tem interesse em tutelar o seu bom nome, mas ama tecer a comunhão envolvendo-se em primeira pessoa e agindo com mansuetude’*”[[1]](#footnote-1).

Esta comunhão episcopal, o Papa Bento XVI já havia recordado na Exortação Apostólica *Africae Munus* (*O serviço da África ao Senhor Jesus Cristo*): “*A Igreja é uma comunhão que gera uma solidariedade pastoral orgânica. Os bispos, em união com o Bispo de Roma, são os primeiros promotores da comunhão e da colaboração no apostolado da Igreja. As Conferências Episcopais nacionais e regionais têm a missão de consolidar esta comunhão eclesial e promover esta solidariedade pastoral*”[[2]](#footnote-2).

Nesta perspetiva, as relações mútuas entre os bispos terão de ir muito além das vossas reuniões institucionais. A viva consciência da dimensão colegial do ministério que foi comunicada a vós deve realizar-se entre vós, especialmente no âmbito da mesma Província Eclesiástica, seja nas múltiplas expressões da fraternidade sacramental, da acolhida e estima recíprocas às diversas atenções de caridade e colaboração concreta (ver PG, 59).

Sejais unidos e solidários! Consolidai entre vós o espírito de comunhão eclesial e fraterna e a solicitude por todas as vossas Igrejas irmãs (2 Cor 11, 28). Ao fazê-lo, vosso ministério será frutífero e vocês serão verdadeiramente o modelo para o rebanho de Deus que vos foi confiado. Pois é em conjunto e em estreita colaboração uns com os outros que vocês avançarão no trabalho de evangelização. Além disso, na agenda dos vossos encontros na Província Eclesiástica deveis ter em conta o aspeto espiritual e pastoral da missão do Bispo.

**Prioridades pastorais**

Cada Conferência Episcopal é chamada a preocupar-se com o crescimento espiritual e moral do povo de Deus presente em seu território de jurisdição. Ela tem como missão concentrar-se mais em problemas internos da vida da Igreja tais como: o ministério do bispo diocesano e suas relações com o clero; a vida e o ministério dos sacerdotes, a vida e o apostolado das pessoas consagradas, o testemunho dos fiéis leigos e o seu compromisso com a missão da Igreja e com a vida da sociedade, a organização e gestão das dioceses.

Quanto às questões sociais e políticas, mesmo que sejam parte integrante do campo de ação inteligente da Igreja em sua missão de evangelização, não devem ser privilegiadas em detrimento de uma reflexão e de um trabalho profundo sobre as sérias questões eclesiais e pastorais que agitam vossas comunidades cristãs. Com efeito, “*O vosso primeiro dever é levar a Boa Nova da Salvação a todos, e dar aos fiéis uma catequese que contribua para um conhecimento mais profundo de Jesus Cristo*”[[3]](#footnote-3).

Todas estas questões, e tantas outras que não faço alusão aqui, merecem uma reflexão completa e concertada em vista a propor soluções adequadas, porque a Igreja precisa de ser convertida e fazer mudanças profundas para dar um bom exemplo e salvaguardar sua credibilidade no país. Não se trata principalmente das mudanças estruturais, por mais importantes que sejam. Mas sim de uma nova vida e um autêntico espírito evangélico. Pois, mesmo que existam estruturas eclesiais que consigam promover um dinamismo evangelizador, as boas estruturas são úteis quando a vida as anima, apoia e orienta. Sem uma renovação espiritual, sem "*a fidelidade da Igreja à própria vocação*", qualquer nova estrutura é corrompida em pouco tempo.

Nesta perspetiva, as tarefas prioritárias para o Episcopado angolano devem ser: a atenção aos sacerdotes, aos religiosos e religiosas, o cuidado pelos candidatos ao sacerdócio ou à vida religiosa consagrada, a solicitude pelos leigos, especialmente os jovens e famílias, através de formação integral e permanente. Vi que eu terei a ocasião e alegria de me encontrar com todas estas categorias de fiéis durante a minha estadia aqui em Saurimo.

No que diz respeito ao clero, a Congregação para a Evangelização dos Povos agradece ao clero diocesano e religioso que trabalham, muitas vezes em condições muito difíceis, mas com grande zelo e devoção entre os seus fiéis. No entanto, continua profundamente preocupada com os crescentes problemas de moralidade e de disciplina. Em várias dioceses, há casos sérios de sacerdotes que não vivem seriamente a castidade e o celibato, há sérias tendências tribalistas por parte de certos sacerdotes. Também notamos que alguns padres levam uma vida de apego aos bens materiais e económicos, ou procuram exageradamente glórias humanas, prejudicando a missão deles de pastores do povo de Deus.

Por trás de aparências de religiosidade e até de amor à Igreja, eles buscam suas próprias glória e bem-estar pessoal, em vez de buscar a glória de Deus. Há também uma busca exagerada pelos espaços pessoais de autonomia e relaxamento que levam às tarefas pastorais como um mero apêndice de vida, como se não fizessem parte de sua identidade (ver *Evangelii Gaudium* – *A Alegria do Evangelho*- n. s 78.80.93).

Precisa olhar com muita atenção os que aspiram excessivamente, da parte dos padres, os títulos acadêmicos.

Sobre a vida religiosa consagrada. A Congregação para a Evangelização dos Povos observa amargamente que na África certos Institutos Religiosos Diocesanos têm sérias dificuldades: conflitos internos ou com os bispos diocesanos, tribalismo e crenças supersticiosas, problemas morais e financeiros, indisciplina e falta de espírito religioso em alguns membros, que se afastam da vida de comunidade e não hesitam em fazer projetos pessoais e financiados sem o conhecimento dos superiores.

Para evitar cair nesta infeliz situação, peço-vos, queridos bispos, que respeitando as suas justas autonomias, cuideis destes Institutos e, com especial solicitude, intervenhais com firmeza para curar este mal.

Quanto à formação sacerdotal, lamento que se esteja desenvolvendo cada vez mais no vosso país como em outros países africanos a conceção do sacerdócio como uma promoção social, um meio para a afirmação de si mesmo, a nível pessoal ou familiar, ou ainda como um status para adquirir prestígio mundano, bens materiais e poder. Portanto, façam tudo para confiar a liderança dessas instituições a formadores em número suficiente, que sejam competentes e moralmente irrepreensíveis, capazes de ensinar aos seminaristas por seus ensinamentos e por suas vidas que o sacerdócio é um serviço. Assegurem-se de que “*os diretores e os formadores do Seminário trabalharão conjuntamente para garantir uma formação integral aos seminaristas que lhes estão confiados. Na seleção dos candidatos, será necessário realizar um cuidadoso discernimento e um qualificado acompanhamento, para que sejam verdadeiros discípulos de Cristo e autênticos servidores da Igreja aqueles que forem admitidos ao sacerdócio. Ter-se-á a peito introduzí-los nas inúmeras riquezas do património bíblico, teológico, espiritual, litúrgico, moral e jurídico da Igreja*”[[4]](#footnote-4).

Dai mais atenção à vida e ao funcionamento dos Seminários, através de visitas frequentes, controles regulares dos programas de formação e provisão de recursos materiais e financeiros adequados. Que cada bispo pague a contribuição que sua diocese deve pagar anualmente pela administração do Seminário.

O papel dos leigos é parte integrante e densa da vossa missão como pastores. Como vocês sabem, a vitalidade de uma Igreja não depende somente de seus pastores, isto é, os bispos em colaboração com os sacerdotes e religiosos e religiosas. É também o trabalho dos leigos que, em virtude do seu batismo, são chamados a participar ativamente na evangelização e na missão da Igreja. No entanto, como isso é possível se eles não são evangelizados? Os leigos precisam realmente de uma sólida formação cristã, imbuída de valores evangélicos, para que, livres de crenças e atitudes contrárias à fé, possam dar conta da esperança que há neles (1 Ped 3,15).

**Evangelização em profundidade**

Deve-se notar aqui que, apesar do crescimento da Igreja local e do verdadeiro progresso da evangelização, ainda há uma dificuldade em penetrar o Evangelho profundamente em estratos culturais e tradições populares. As crenças e práticas supersticiosas, feitiçaria e magia que condicionam a vida cotidiana das pessoas e alimentam o medo e os suspeitos, ainda estão vivas nas comunidades cristãs. Sacerdotes e religiosos não estão isentos dessa situação.

Certas tradições constituem um sério obstáculo para a vida matrimonial e familiar. Cabe a vós, Bispos, juntamente com o vosso clero, encontrar a tarefa de ajudar os leigos a descobrir a sua própria identidade e a tornarem-se plenamente conscientes da sua missão cristã. Se forem bem preparados e apoiados pelos seus pastores, então serão “*sal e luz”* (Mt 5, 13.14) e autores da renovação sociocultural, política e econômica de seu país.

A família merece um lugar especial na vossa pastoral. É importante estar atento à preparação humana e espiritual dos casais. “*A chamada à vida conjugal exige um discernimento atento sobre a qualidade da relação e um período de noivado para a averiguar. A fim de aceder ao Sacramento do Matrimónio, os noivos devem amadurecer a certeza de que no seu vínculo está a mão de Deus, que os precede e acompanha, permitindo-lhes dizer: «Com a graça de Cristo, prometo ser-te sempre fiel». Não podem prometer-se fidelidade «na alegria e na dor, na saúde e na doença», nem amar-se e honrar-se todos os dias da sua vida, unicamente com base na boa vontade ou na esperança de que “isto funcione”. Precisam de se fundamentar no terreno firme do Amor fiel de Deus*”[[5]](#footnote-5). Há também uma necessidade de cuidado pastoral das famílias que recorda a singular dignidade do matrimónio cristão, único e indissolúvel, oferecendo uma forte espiritualidade conjugal para que as famílias se tornem verdadeiras "*igrejas domésticas*" e cresçam em santidade.

Para concluir, confio cada um de vós, as vossas dioceses e o vosso ministério episcopal à proteção materna da Bem-Aventurada Virgem Maria, Rainha da África. Que por sua intercessão, o Espírito Santo fortalece em vós o desejo de dedicar-vos de todo o coração ao serviço de Deus, estando unidos e solidários na realização da Sua vontade.

1. *Discurso do Papa Francisco aos Bispos dos Territórios de Missão participantes no Seminário da Congregação para a Evangelização dos Povos sala*, 8 de setembro de 2018. [↑](#footnote-ref-1)
2. AM n.105. [↑](#footnote-ref-2)
3. AM n.103. [↑](#footnote-ref-3)
4. AM n.122. [↑](#footnote-ref-4)
5. Papa Francisco, *Audiência Geral*, 24 de outubro de 2018. [↑](#footnote-ref-5)